EDITORIAL

O presente número dos Estudos Bíblicos *é fruto do desejo de mergulhar nas nossas vidas e na Bíblia como espaços de recriação de relações. É uma tentativa de resgate de relações ecológicas, includentes entre as pessoas e a terra. Uma tentativa ecológica de procura e encontro do cheiro da Divindade que se mistura em nossas relações cotidianas.*

Os textos surgiram da nossa vida do dia-a-dia, das nossas relações de amor, amizade, ternura das nossas sombras, dores e conflitos, da caminhada de sonhos e compromissos no CEBI/SUL.

São estes textos e estas nossas relações que queremos partilhar com todas(os) vocês neste número.

O breve ensaio de hermenêutica espiritual de Nilva Dircksen *nos traz o cheiro de campos e pinheiros araucárias, de cascatas cristalinas e roças de hortaliças, da terra fria e luminosa do planalto serrano catarinense onde Nilva vive e trabalha. É o cheiro caseiro de relações simples, transparentes, cotidianas de uma mulher que, como o pinheiro araucária, é "árvore-da-terra-do-povo-livre".*

É o cheiro bom, que nos faz mergulhar na saudade do Reino, de relações de uma mulher da terra com a terra, com as pessoas e com Deus. Desta mulher da terra, podemos ouvir a Palavra Boa, que recria relações que nos trazem na boca o sabor de comida caseira, de mel campeiro, de fogo nas noites frias do inverno e de abraços acolhedores... "E a Palavra era Deus..."

Conheço a casa da mãe e do pai de Hermes Tonini. *É espaço e colo acolhedor para quem passar por aquelas estradas empoeiradas e cheias de buracos do interior do planalto de Santa Catarina. Uma casa que nos traz o cheiro bom do amor e de relações que renovam os corpos cansados.*

A casa do pai e da mãe de Hermes e a casa de muitas famílias de nossas comunidades nos trazem o desejo e a saudade da casa do movimento de Jesus, da casa do amor entre iguais.

Partilhando da vida, "recriando a casa de Jesus e seu discipulado de iguais", entramos na casa da vida do povo que é a Bíblia e lá encontramos a palavra que recria vida e vida em abundância.

Os relatos bíblicos, que nos contam do movimento de Jesus e dos primeiros grupos de cristãos, estão carregados de metáforas do cotidiano no âmbito da casa e da experiência da casa como local da missão, desenvolvimento e organização das primeiras comunidades cristãs.

Nessas metáforas e experiências, as mulheres aparecem como figuras importantes. Resgatar o papel da casa, nas primeiras comunidades cristãs, é fundamental para resgatar o papel das mulheres na história das origens cristãs. Marga Janete Ströher, *no seu artigo "Entre a afirmação da igualdade e o dever da submissão", nos ajuda a mergulhar no espaço da casa nas primeiras comunidades cristãs como espaço privilegiado de relações recriadas.*

O texto de Celso Loraschi *propõe a leitura de Cântico dos cânticos como livro que evoca novos caminhos, provoca novos posicionamentos e projeta novas relações entre homens e mulheres. É na busca dessas novas relações de gênero que queremos mergulhar neste livro tão amado, tão humano e, ao mesmo tempo, tão divino da Bíblia.*

"O amor do Cântico dos cânticos não é expressão de um romantismo vazio... É o ser inteiro livremente empenhado na realização do ideal de uma vida feliz para todas as mulheres e homens. Assim torna-se revelador do verdadeiro rosto de Deus que é o máximo em carinho, doçura, beleza, amizade e gostosura..."

Elaine Gleci Neuenfeldt, *em seu artigo "Mulheres enganosas, traidoras ou provocativas: mulheres más!", redefinindo as imagens das mulheres no Antigo Testamento, nos desafia a recriar relações através do poder criativo de câmbio das relações eróticas.*

Exigir a satisfação e o prazer é uma forma de viver novas relações de gênero. A história bíblica de Dalila nos ajuda a reconstruir relações resgatando uma das mulheres "más" da Bíblia e a nova forma de poder da qual ela faz uso: o poder erótico.

"Quando soy buena, soy buena. Quando soy mala, soy mejor!"

Maria Soave Buscemi *nos escreve com corpo de mulher, arranca-nos do chão de nossas estruturas patriarcais, autoritárias, violentas e excludentes, instituídas secularmente. Resgata, de forma prazerosa como noite de lua cheia, como o doce das tâmaras e a vivacidade das cobras, os mitos mais antigos das Deusas e com ele o tempo da inclusão e da dignidade roubada, para todos os empobrecidos e especialmente para as mulheres excluídas por um sistema que apresenta um Deus masculino, forte, violento, onipotente e autoritário... que as impedem de participar efetivamente da sociedade. Ela nos chama a atenção para o fato de que o sonho não é impossível: é preciso recuperar os "cacos" desses mitos, que povoam nossa memória. Gn 2,4b–3,24 é um bom começo para recriarmos relações de luas, cobras, mulheres, homens e tamareiras.*

Maria Soave Buscemi e Hermes Tonini